

ODETE COSTA SEMEDO: A VOZ DA MULHER E A LITERATURA GUINEENSE EM CONTEXTO ESCOLAR

ODETE COSTA SEMEDO: THE WOMAN'S VOICE AND THE GUINEAN LITERATURE IN SCHOOL CONTEXT

KAREN LANE SILVA¹

Universidade Estadual Paulista

<https://orcid.org/0000-0002-6573-2152>

karen.lane@unesp.br

ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA²

Universidade Estadual Paulista

<https://orcid.org/0000-0002-2564-4270>

elianegalvao13@gmail.com

RESUMO: Este artigo, a partir do aporte teórico da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), tem por objetivo analisar o conto “A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote”, da guineense Odete Costa Semedo, que pertence à coletânea *Contos africanos dos países de língua portuguesa* (2009). Justifica-se sua eleição, pois é dotado de valor estético e está disponível em âmbito escolar, compõe também os acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), destinados ao Ensino Fundamental II. Esse conto pode cativar o jovem leitor pela oferta de ricos elementos da matriz cultural guineense. Por meio de sua leitura ele se depara com a tradição oral, marca histórica da memória coletiva de uma sociedade, entrando em contato com uma cultura diferente da sua. Desse modo, a narrativa colabora para ampliar seus horizontes de expectativa, além de contribuir para sua formação, pois assegura-lhe contato com uma literatura de viés crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Odete Semedo; Literatura guineense; PNBE.

ABSTRACT: This paper's main objective, based on the contribution of the Aesthetic of Reception (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), is to analyze the short story “A Lebre, O Lobo, O Menino e o Homem do Pote”, from the Guinean author Odete Costa Semedo, part of the collection *Contos Africanos dos Países de Língua*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – FCL da Unesp, Campus de Assis-SP.

² Professora assistente doutora na graduação e na pós-graduação da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – FCL da Unesp, Campus de Assis-SP.

Portuguesa (2009). Its choice is justified by its aesthetic quality and the fact that it is available in the educational context, being part of the Programa Nacional Biblioteca da Escola [School Library National Program] (PNBE) collection, intended for the second half of Brazilian Elementary School. This short story captures the young reader's attention by offering rich elements of the guinean cultural diversity. While reading it they face the oral tradition, historical remark of a society's collective memory, getting in contact with a society different from their own. Thus, the short story's narrative contributes to broaden the student's expectation horizon, besides contributing to their development, because it guarantees contact with a literature of critical bias.

KEYWORDS: Odete Semedo; Guinean literature; PNBE.

INTRODUÇÃO

Quando se reflete sobre o ensino de literatura, nota-se como prática o trabalho com leituras que, muitas vezes, não dialogam com a realidade do aluno e seu contexto, e também não lhe proporcionam uma ampliação de vivências, pelo contato com culturas distintas daquelas já conhecidas por ele. Por consequência, esse tipo de ensino não assegura sua ampliação de horizonte de expectativa nem favorece o contato com a diversidade ou com a produção literária juvenil. Seu alcance limita-se à compreensão da língua e de suas noções, ou à análise estrutural de forma superficial, desconsiderando, na interpretação, os diferentes efeitos de sentido que o texto literário evoca, por ser polissêmico.

Desconsidera-se, nesse ensino, a riqueza das obras literárias juvenis, em especial as africanas e as de autoria feminina, que compõem os acervos resultantes de políticas públicas, como os do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) ou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), no caso o Literário. Embora o primeiro tenha sido suspenso em 2014, seus acervos continuam disponíveis em bibliotecas e salas de leitura das escolas públicas do país. Justifica-se, então, que, neste artigo eleja-se, a partir do aporte teórico da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), como objeto de análise o conto “A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote” (2009), da guineense Odete Costa Semedo, pertencente à coletânea *Contos africanos*, organizada por Rita Chaves, que compõe os acervos do PNBE de 2011, destinados ao Ensino Fundamental II.

A eleição desse conto deve-se ao seu valor estético e às suas potencialidades para cativar o jovem leitor, pela oferta de ricos elementos de matriz cultural guineense. Por meio da leitura desse conto, o leitor se

depara com a tradição oral, marca histórica da memória coletiva de uma sociedade, entrando em contato com uma cultura diferente da sua. Desse modo, sua narrativa colabora para ampliar seus horizontes de expectativa, além de contribuir para sua formação, pois lhe assegura contato com uma literatura de viés crítico.

Embora a lei 10.639/03, publicada no ano de 2003, verse acerca da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos oficiais da Rede de Ensino, a escola negligencia sua responsabilidade frente à promoção da igualdade racial e à construção de uma identidade étnica e plural que, evidentemente, pode partir do conhecimento da leitura e discussão de obras literárias de matrizes africanas. Essa Lei emerge do reconhecimento, por parte do governo, da profunda desigualdade e discriminação racial que tem sofrido a população negra ao longo da história. Em 10 de março de 2008, a Lei 11.645 altera a 10.639/2003, regulamentando, nesse processo, a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os níveis de ensino.

No ensino de Literatura em contexto escolar, nem sempre obras juvenis são contempladas, pois são consideradas como de menor valor estético, se comparadas às obras de literatura com destinação a adultos. Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva trata desse aspecto periférico ocupado pela literatura voltada aos jovens:

Mais permeável ao gosto dos leitores [...], a maioria dos textos de literatura juvenil situa-se nas margens do sistema literário, fazendo parte do conjunto de obras que incorrem nas questionáveis designações de paraliteratura, literatura periférica ou literatura marginalizada (ou nas mais questionáveis denominações de infraliteratura e subliteratura), usadas para marcar o afastamento em relação a literatura legitimada. (SILVA, 2006, p. 1)

Assim como as obras de literatura juvenil, as africanas passaram a ser contempladas em contexto escolar em meados de 1980, com a crescente onda de democratização do ensino e da intensa mobilização governamental em prol de políticas de combate ao racismo e às desigualdades sociais, dos quais são vítimas, sobretudo, as populações afro-brasileira e indígena. Desse modo, o Estado buscou garantir a todos o acesso a uma educação básica de qualidade, conforme a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que instituiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Segundo essa Lei, em seu artigo terceiro, o ensino deve ser ministrado com base nos princípios de igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola (inciso I); e a consideração com a diversidade étnico-racial (inciso XII), sendo que este último tópico foi incluído pela Lei 12.796, de 2013.

Face ao exposto, o presente artigo contempla em sua análise um conto juvenil guineense de autoria feminina. Busca-se nessa análise refletir sobre como a escritora guineense lida em sua enunciação com a condição de duplicidade de seu discurso feminino, que se apresenta, conforme Elaine Showalter (1994, p. 50), constituído por duas vozes, as quais personificam “as heranças social, literária e cultural, tanto do silenciado quanto do dominante”. Além disso, conforme João Luís Ceccantini (2004), faltam estudos que considerem as especificidades de obras juvenis. Cabe acrescentar que também faltam estudos que se debrucem, de acordo com Teresa de Lauretis (1994), sobre a escrita de autoria feminina enquanto outro lugar nos discursos hegemônicos e em suas representações sociais.

Almeja-se, ainda, detectar se esse conto estabelece comunicabilidade com o leitor, favorecendo a ampliação dos horizontes de expectativa, pelo despertar do olhar para a diversidade cultural e para a reflexão crítica. Constrói-se a hipótese de que a leitura possui função social, conforme acepção de Hans Robert Jauss (1994), pois permite ao leitor, muitas vezes habituado a uma produção cultural em massa, que visa ao escapismo e embota a reflexão, ampliar seus horizontes de expectativa (ISER, 1999), inclusive, sobre a produção literária de autoria feminina.

O CONTO EM QUESTÃO

Maria Odete da Costa Semedo nasceu em Bissau, capital da então colônia portuguesa, em sete de novembro de 1959. Com 18 anos de idade, iniciou suas atividades como professora, licenciando-se em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Da Universidade Nova de Lisboa (1989/1990). No retorno ao seu país, assumiu a Coordenação Nacional do Projeto de Língua Portuguesa no Ensino Secundário, financiado pela Fundação Gulbenkian. Atuou como professora e diretora da Escola Normal Superior Tchico-Té. A partir de 1995, passou a desempenhar as funções de Diretora Geral do Ensino, sendo também presidente da Comissão Nacional para a Unesco- Bissau. Assumiu funções como Ministra da Saúde e Ministra da Cultura. No ano de 2006, mudou-se para o Brasil, com a finalidade de realizar seu doutorado em Letras pela Puc de Minas. Em 2010, defendeu a tese intitulada *As mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. No retorno ao seu

país, atuou como Secretária-Geral e como reitora da Universidade Amílcar Cabral, de 2013 a 2014. Também tornou-se uma das fundadoras da Associação de Escritores da Guiné-Bissau. Atualmente, Semedo trabalha como investigadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa nas áreas de Educação e Formação, de Bissau (TEMPLO CULTURAL DELFOS).

Sua produção de viés crítico aborda os conflitos políticos que envolvem o seu país no que tange aos processos educacionais e aos problemas enfrentados ao longo dos anos. Por meio dela, expõe a instabilidade de sua nação, que produz quedas na perspectiva escolar, e aponta ainda que “entre os desistentes, as meninas são as que ficam menos tempo na escola, estando esse fato associado a fatores sociais, culturais e econômicos” (SEMEDO, 2010, p. 73). Desse modo, no contexto em que a autora se encontra, as meninas e mulheres praticamente não têm acesso à formação básica necessária, muito menos à literatura de autoria feminina. Aliás, Semedo é a primeira escritora guineense a publicar uma obra poética. Em sua estreia literária, a autora de *Entre o ser e o amar* (1996) utiliza uma linguagem que reflete a identidade feminina, seus desejos, prazeres e sentimentos mais íntimos. Conforme Moema Parente Augel, a produção poética de Semedo é inovadora na produção em Guiné Bissau, pois

[...] o eu feminino se alça de forma ativa e atuante, numa perspectiva inteiramente pioneira, ousando a autora expressar-se algumas vezes desreprimida e com isso alçando para si mesma uma liberdade inusitada, desrepressora, alçando-se mulher descolonizada e ciosa da sua própria manifestação. [...] é a vez da mulher guineense desnudar seus sentimentos. (AUGEL, 2002, p. 31)

Pela leitura da produção africana de autoria feminina, os alunos podem ativar sua consciência a respeito das variadas opressões vividas pelas mulheres em âmbito internacional e nacional, reproduzidas pelas mais diversas estruturas socioculturais, que não são fruto exclusivo de uma tradicionalidade africana. Faz-se necessário ressaltar que as interações com o sistema patriarcal europeu, durante séculos, reforçaram-nas, simultaneamente, na África e no Brasil. Cabe, então, ao professor estabelecer essa mediação entre literatura, contexto histórico e diversidade cultural. Com este constante exercício em sala de aula, pode-se ativar a reflexão crítica do jovem leitor, ampliar seu horizonte de expectativa e imaginário, elevando, inclusive, sua autoestima, ao se reconhecer como herdeiro de um legado cultural resultante de lutas de resistência.

O conto de Semedo exerce a função social da leitura na acepção de Hans Robert Jauss (1994, p. 50), pois faculta ao leitor uma experiência literária que adentra seu horizonte de expectativa, “pré-formando seu

entendimento de mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social”. Também ativa nesse sujeito o que Antonio Candido (1995, p. 249) entende por humanização, pois “confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”.

O texto de Semedo pertence à coletânea *Contos africanos dos países de língua portuguesa*, organizada por Rita Chaves, que compõe o acervo do PNBE de 2011 direcionado a alunos do Ensino Fundamental II. Tal obra apresenta dez textos representativos de países africanos que têm como idioma oficial a língua portuguesa. No livro, há breves biografias sobre os autores de cada conto e seus países de origem. Acompanham-nos também mapas de localização e algumas curiosidades sobre a cultura de cada um. Desse modo, representam a literatura de Moçambique: Mia Couto, Luís Bernardo Honwana e Nelson Saúte; a de Cabo Verde: Teixeira de Sousa; a de São Tomé e Príncipe: Albertino Bragança; a de Guiné-Bissau: Odete Costa Semedo; e, por fim, a de Angola: Ondjaki, José Eduardo Agualusa, Boaventura Cardoso e Luandino Vieira.

Pela observação dos autores, notam-se dois aspectos importantes: o primeiro refere-se à importância de Semedo, como representante de seu país; o segundo diz respeito ao fato de que, entre dez contos, apenas um tem autoria feminina. Na recepção da coletânea, evidentemente, questões como essas não podem ser omitidas ou deixarem de ser discutidas para que, num futuro próximo, homens e mulheres figurem de forma igualitária na literatura e, de modo geral, em representações diversas na sociedade.

A produção literária de Odete Semedo surge a partir da década de 1990, período de consolidação da identidade nacional e da cultura em seu país. Em alguns de seus textos, volta-se para uma visada mais intimista, com abordagem lírica. Elege temáticas que tratam de problemas do cotidiano guineense, como a miséria, a fome e as questões familiares, valorizando também as riquezas enraizadas na cultura popular de sua terra, mas que foram inferiorizadas pelos colonizadores durante séculos.

Sua produção contempla as referências nacionais de seu povo, resgatando-as da oralidade. Seus contos ressaltam a cultura e a memória africanas, por meio do resgate de histórias que lhe foram contadas na infância. Assim, eles representam a tradição guineense da contação de histórias e de feitos históricos. Semedo (2000, p. 19) afirma que seus textos tanto são inspirados em “histórias tradicionais que muitos de nós tiveram

o privilégio de ouvir em criança”, quanto são inventados. Prevaecem, com isso, a fantasia criadora e a memória consciente da autora. Dessa junção resultaram histórias fabulosas em prol da comunidade guineense, pois recuperam elementos das velhas narrativas tradicionais, como o mundo dos animais antropomorfizados, e exploram o vocabulário crioulo.

“A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote” reflete o tradicional conflito entre o parvo e o espertalhão, unindo em essência o tradicional e o moderno. Para Inocência Mata (2007, p. 54, grifo nosso), os textos de Semedo “não são simplesmente *textos da oratura*, mas contos com uma autora identificada, uma elaboração estilística e uma intenção, a estética”. Conforme a estudiosa, nota-se na produção da escritora “um compromisso produtivo cuja estratégia de sedução do leitor é o jogo entre a familiaridade e o estranhamento” (MATA, 2007, p. 8).

Cabe recordar que, nas sociedades africanas, existiam os contadores de histórias que faziam dessa arte sua profissão. Estes eram chamados de *akpaló*, fazedor de contos, e de *arokin*, aquele que narrava crônicas do passado. Aqui, no Brasil, o *akpaló* era representado pelas mulheres negras que possuíam como principal fazer a contação de histórias; por meio delas, eram ouvidas histórias africanas cujas personagens eram, na maioria das vezes, bichos que falavam e representavam ações humanas (CASCUDO, 1978, p. 156).

Justamente, o conto “A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote”, de Semedo, narra uma história composta por animais falantes, a qual é contada, conforme anuncia um narrador de primeiro nível, por duas meninas, Kutchi e Cici, narradoras de segundo nível. De fato, a narrativa inicia-se por meio do discurso direto e de forma cômica, pois se configura como uma discussão entre duas meninas sobre qual enredo e título serão adotados para a história que desejam contar. O narrador de primeiro nível informa que essa dúvida advém do contato dessas meninas com inúmeras histórias que ouviram à noite os mais velhos contarem. Assim, de tanto ouvi-las, aprenderam a contá-las e, como se verá ao final do enredo, também inventá-las e/ou modificá-las, conforme seu desejo.

A respeito da história, o narrador avisa que se trata de mais uma entre as tantas “*lubukulebrí*” (SEMEDO, 2009, p. 26) de “O lobo e a lebre”, “que já ouvimos contar”. Ele se utiliza do crioulo guineense para assegurar sua identidade, e do pronome em primeira pessoa do plural para se posicionar ao lado do leitor implícito (ISER, 1996, 1999). Desse modo, o narrador projeta em seu discurso um ouvinte, no caso, jovem, pois capaz de se identificar na leitura, por meio da projeção, com as narradoras de segundo nível. Essa

intromissão, em primeira pessoa do plural, configura o relato do narrador de primeiro nível de forma afetiva, com a finalidade de gerar proximidade e identificação com o jovem leitor. Seu discurso atua como símile de um contador de histórias.

Como as meninas não chegam a um consenso sobre qual título utilizar, o que produz efeito de humor, pois as revela bastante determinadas em manter sua versão da história, o narrador de primeiro nível assume o relato e o inicia. Faz-se necessário evidenciar duas características importantes desse conto: a primeira refere-se ao efeito de humor que pode ser cativante para o jovem leitor; a segunda, ao recurso metaficcional, pois as meninas não entram em acordo sobre como exatamente tudo ocorreu, promovendo no leitor a reflexão sobre o construto ficcional e seus rumos quando exposto na oralidade. Cabe destacar a força desse conto, que se revela como resultante da memória, da tradição de histórias passadas por gerações, unindo arte e oralidade.

Pode-se observar, ainda, que a alteração da focalização no relato do narrador de primeiro nível se mantém, assim como a repetição de termos para produzir efeito de ênfase. Trata-se de estratégia apropriada da oralidade pela escritora: “Havia um homem que vivia numa tabanca. [...] o terreno de sua horta era *tão árido, tão árido* como *não sei qué* que ninguém viu e não dava quase nada. [...]; pois quase não tinha para dar à sua enorme família” (SEMEDO, 2009, p. 77, grifos nossos). Percebe-se na narrativa forte referência à realidade guineense, pois se apresenta na história um homem que sofre com a seca e a consequente miséria, não conseguindo prover o sustento de sua família.

Esse personagem, sem saber o que fazer, recorre a um sábio ancião, para resolver o problema que tanto o aflige. Nota-se, no texto, a presença da cultura africana, pela valorização das pessoas mais velhas, como dotadas de conhecimento e sabedoria, capazes de fornecer conselhos aos mais jovens. O sábio orienta o homem e este acredita nos seus conselhos, mesmo sendo exposto à zombaria das pessoas de sua comunidade. A pilhéria advém do fato de o protagonista realizar o que o ancião indicou: “[...] fazer um pote enorme onde caberia toda a sua moransa e colocá-lo num canto de sua horta. [...] O grande sábio aconselhou ainda ao homem a poupar o pouco que tinha para o seu consumo e dedicar-se ao trabalho de encher o seu pote de água” (SEMEDO, 2009, p. 77). Assim, o homem fez e ele e sua família foram julgados como loucos, pois havia abundância de chuvas. O homem ficou conhecido como “o do pote”, o que justifica o título do conto. Todavia, a chuva cessou e veio a seca. Na região, somente a horta do protagonista manteve-se fértil: “[...]”

estava repleta de legumes e frutos, que até parecia um oásis no meio daquela seca e daqueles terrenos áridos” (SEMEDO, 2009, p. 79).

No transcorrer da narrativa, pode-se notar a habilidade da escritora em engendrar situações que desvelam o caráter das personagens. Assim, o pai de família é fiel aos conselhos do sábio; para cumpri-los, deixa a pequena fonte de água da família descansar durante o dia e só retira o suficiente para o consumo à noite. Com o agravamento da seca, os demais moradores da região percebem seu erro de julgamento, solicitando ajuda. O homem do pote, como tem bom caráter, não recusa ajuda alguma; mesmo assim, há os dissimulados que furtam sua horta na calada da noite. Entre os espertalhões, situa-se uma lebre que almeja ter acesso à plantação desse homem.

Percebe-se no conto, então, o recurso à dialogia com as fábulas, pela presença de animais com características e atitudes humanas. Assim, a lebre, aproveitando a ausência do homem, que deixara seu filho responsável pela horta, foi ter com ele: “– Bom dia, Menino, acabei agora mesmo de me cruzar com o seu pai na estrada e ele disse para tu me amarrares na horta de feijão e me deixares comer até à tarde” (SEMEDO, 2009, p. 80). O ingênuo menino, sabendo da bondade de seu pai, assim o fez e deixou a lebre comendo e se fartando a tarde toda.

A lebre, muito astuta, repetiu essa mesma ação cotidianamente. Todavia, o menino, já cansado do comportamento dela, recusa-se a prendê-la na horta. O animal revela, então, outra faceta de seu caráter, utilizando-se da ameaça com a finalidade de produzir medo no menino: “[...] Olha o Menino, a querer armar-se em mau, olha bem para mim... para estes chifres bem aguçados; vou espetar-vos nessa barriga que andas a encher todos os dias...” (SEMEDO, 2009, p. 80). O crédulo garoto, atemorizado com a ferocidade da lebre – manifesta em seus “chifres”, suas orelhas pontudas –, permite que continue se fartando na horta da família. Apesar de sua ingenuidade, o menino conta toda a história do “feroz animal” a seu pai que, estrategista, arma um plano para castigá-lo.

Confiante no seu poder de coação, a lebre retorna e pede ao menino para deixá-la amarrada na horta. Como o garoto sabe dos preparativos para castigá-la, atende sem reclamar a seu pedido. A lebre, sempre muito astuta, logo percebe que está em uma cilada e busca um meio de se safar. Ela avista, então, um lobo, que a inveja pelo acesso à fartura de alimentos, e o convida a desamarrá-la e ocupar seu lugar na horta: “Se quiseres pertencer ao grupo dos que vivem com fartura é só vires ao pé de mim, tirar-me estas cordas e ficas logo no

meu lugar a comer feijão e a beber boa água” (SEMEDO, 2009, p. 83). O lobo, contudo, revela-se desconfiado e, embora adentre a horta, não se deixa amarrar. Enquanto ele se alimenta, a lebre, mesmo amarrada, esconde-se. Pode-se observar que, ao dialogar com o lobo, a lebre faz uso de ditos populares, outra característica da linguagem oral preservada no conto de Semedo, pelo recurso ao hibridismo: “[...] isto aqui é a cópia do mundo: uns cansados e cheios de fome e de sede, outros a viverem com fartura” (SEMEDO, 2009, p. 83).

A lebre estrategista, ao perceber que vários moradores – homens e animais diversos – se aproximam, deixa o lobo em evidência. Assim, o animal é acusado de ladrão e aproveitador da bondade de um menino. Sem saber da cilada, o lobo é ofendido e sofre castigos físicos provocados tanto por seres humanos, quanto por animais. No meio dessa confusão, o menino observa o equívoco, pedindo para que parem, pois aquele não era o animal feroz. Pode-se notar a habilidade da escritora, pois esse epíteto, em geral associado a lobos, é direcionado na narrativa à lebre. O garoto percebe, então, o quanto é astuta a lebre que, em silêncio, somente observa o lobo em apuros.

O menino denuncia, então, a lebre que, enfim, é capturada e duramente castigada pelos moradores irritados com o duplo engodo. O lobo foge, mas revela outras facetas surpreendentes de seu caráter, pois demonstra gratidão ao menino por ter salvado sua vida e, também, satisfação por ter conseguido se alimentar, mesmo que esteja com o corpo dolorido. Desse modo, pela leitura, suscita-se do jovem leitor, por meio do estranhamento, revisão de seus conceitos prévios associados aos comportamentos de animais em fábulas tradicionais. Cabe destacar que o estranhamento permanece na configuração dos moradores do povoado – seres humanos e animais –, que subverte o conceito usual de que os últimos são alegorias do homem. Assim, o texto evidencia ao leitor que, independentemente da criatura, a narrativa trata de atributos, como a astúcia, a sabedoria e, sobretudo, o desejo de viver.

O homem do pote surpreende-se com a violência de seus vizinhos, pois verifica que a lebre ficou muito ferida e calcula que certamente ela morrerá. Ele se sente culpado por tal atrocidade, indispondo-se com todos ao seu redor. Todavia, a lebre, muito esperta, aproveita-se da situação para tirar vantagens. Em silêncio, ela ouve o homem afirmar que lhe fará um enterro digno e testemunha a saída de todos para os preparativos. Nesse momento, o ingênuo menino fica sozinho com o suposto cadáver. A lebre aproveita para falar com ele, como se fosse um espírito. Nesse diálogo, convence-o de que não teria água, nem alimento no outro mundo

e que, estando morta, precisava pagar pelos seus pecados. Acentua-se no espírito do garoto o sentimento de culpa. Desse modo, ele prepara “[...] alimento e água para a Lebre levar para o outro mundo e depois, a pedido do morto, ajudou-o a pôr-se em pé e meter-se mata adentro a caminho do outro mundo. Enquanto isso, a cerimônia do enterro era preparada, só que não havia defunto para o caixão” (SEMEDO, 2009, p. 89). Nota-se o efeito de humor no relato, pelo recurso à ironia, pois o garoto auxilia o “morto” a ficar em pé e a adentrar a mata.

Após a fuga, a lebre armazena alimentos e água em sua casa e se dirige à morada do lobo para convencê-lo a atuar em mais um plano. O lobo, embora desconfiado, deixa-se convencer pela ganância de sua “sobrinha”. Assim, ele aceita se passar pelo defunto, enquanto a lebre disfarçada se apresenta no povoado, como um parente próximo da vítima assassinada. Durante o funeral, ela convence aos que estão na cerimônia a fornecerem-lhe água e alimento suficientes para toda sua subsistência. Pode-se notar, então, a subversão de conceitos prévios do jovem leitor, pois um animal pequeno, como uma lebre, consegue enganar a outro feroz, como o lobo, bem como a todo um povoado:

Direi que morto precisa de levar os seus mantimentos para o outro mundo, assim, tudo aquilo que cada um der será posto na bémbo. [...] E desta forma teremos vingado com muita inteligência... e sairemos a ganhar. Não vamos precisar de trabalhar nem de andar a pedir alimentos ao Homem do Pote. (SEMEDO, 2009, p. 91)

Em comum acordo, ambos seguem com o plano ainda que um desconfiasse do outro. O narrador afirma que o sucesso do plano se deveu aos sentimentos do homem do pote, que continuava envergonhado com as atitudes selvagens dos moradores em relação à lebre. Como consequência, muitos alimentos foram doados e chegaram até à casa da lebre, onde o suposto defunto se encontrava coberto por um lençol branco. Indignados e assustados com o tamanho do morto, os moradores do povoado saíram rapidamente daquele lugar. Assim, o plano se consolidou, com a lebre e o lobo bem-sucedidos, conforme o combinado. Pela leitura, nota-se que a astúcia da lebre se sobrepõe a de todos os outros animais e a dos seres humanos, mesmo daqueles que se imaginam estrategistas.

O conto finaliza com o narrador afirmando que as meninas ainda discutiam sobre qual título o texto deveria ter e como seria o seu final: “[...] as *noissas amigas* ainda discutiam [...]” (SEMEDO, 2009, p. 94, grifo nosso). Nota-se o emprego do possessivo inclusivo, o qual produz o efeito de que as meninas são amigas

do narrador e do leitor implícito, pois a eles se dirige o relato em primeiro nível. Como se também tivessem ouvindo a história do narrador de primeiro nível, as meninas discordam de seu enredo. Assim, Kutchi indigna-se com o destino do lobo que conseguiu obter sucesso, quando somente a lebre deveria tê-lo. Cici afirma que a lebre foi um pouco má, pois ameaçou o menino que a tratava bem. A sua amiga alega que a culpa foi de Cici, que tornou a lebre má, quando esta deveria ser “[...] esperta e marota” (SEMEDO, 2009, p. 94). Cici justifica que fora assim que ouvira, mas que cada uma deve contar como quiser. Diante dessa explicação, de que Kutchi discorda, esta afirma que vai mudar então a história do gato que rouba peixes, fazendo com que se safe da cozinha. Cici intervém e afirma que não pode fazer isto, pois o gato é mau. Seu discurso finaliza com reticências, revelando que a discussão jamais será findada. Com esse recurso metaficcional, a escritora produz efeito de humor e evoca as inúmeras possibilidades de se contar uma história, bem como a liberdade de fazê-la, que pertence a cada contador. Por sua vez, nesse processo, relativiza conceitos associados a atributos de personagens.

Ao trazer este cativante conto para a sala de aula, oferece-se aos alunos o convívio com a diversidade e sua aproximação com a fábula, gênero textual muito trabalhado nos anos iniciais do Ensino Fundamental II. Na aproximação entre o texto de Semedo e a fábula tradicional de origem europeia, pode-se, contudo, observar a ruptura do horizonte de expectativa dos alunos, os quais esperam um final moralizante. Desse modo, pela leitura, eles se deparam com elementos característicos da cultura africana e da oralidade, ampliando seu repertório cultural e seu horizonte de expectativa. Pelo diálogo em sala, pode-se problematizar o final diverso dos padrões esperados, trazendo luz à discussão sobre as atitudes dos animais e de como são bem-sucedidos em seu plano. Justamente essa discussão é apresentada no conto de Semedo, sendo iniciada pelas personagens que o narram, deixando, assim, no desfecho, um ponto em aberto para o início da abordagem em contexto escolar.

A comunicabilidade no texto com o leitor implícito evidencia-se, conforme Ferreira, pela quebra da *good continuation*, a qual acarreta a colisão de imagens na leitura. Essa colisão, por sua vez,

[...] impede a degradação do conhecimento, pois este processo não conclui; antes, obriga o leitor a abandonar a imagem e construir uma outra. Assim, a compreensão de um texto ficcional dá-se por meio da experiência, ou seja, das operações proposicionais, a que ele submete o leitor. (FERREIRA, 2009, p. 80)

Com a leitura desse texto literário em sala de aula, pode-se propiciar um alargamento do horizonte de expectativas dos alunos que, em busca de interpretação, confrontam-no com seu repertório de leituras anteriores. Nesse processo, percebem que suas experiências os levam a antecipar possibilidades, mas estas nem sempre se concretizam. Justamente, esse alargamento do horizonte de expectativa do leitor ocorre por meio da frustração, ou seja, da revisão de seus conceitos prévios. Para Jauss (1994, p. 52), essa revisão é fundamental no que diz respeito ao avanço da experiência de vida, pois possibilita ao leitor expandir novos caminhos à experiência futura.

O conto de Semedo pode também ser aproximado de outras narrativas africanas que resgatam a memória popular e a oralidade, produzindo efeito de humor, em especial, dos contos populares brasileiros, cuja moralidade também é adversa à encontrada usualmente nas fábulas canônicas. Nesse debate sobre o texto de Semedo, vale destacar o tratamento dado à temporalidade enquanto operador da narrativa. No conto, não há uma passagem temporal devidamente marcada, embora exista uma ordem cronológica, uma vez que as ações se desdobram com simultaneidade. Nota-se a aproximação com o conto popular, também recheado de ação, mas com o tempo indeterminado. Além disso, os resultados alcançados ao final da narrativa de Semedo aproximam-se desses contos populares, uma vez que se devem à astúcia, o que provoca no leitor diferentes sensações, pois os mais frágeis e anti-heroicos vencem (CASCUDO, 1978, p. 165).

A aproximação com as histórias oriundas da tradição oral, sobretudo africanas, permite evidenciar, em sala, as regiões em que são contadas pelos griôs ou griotes, devido ao grande conhecimento e talento que possuem. Celso Sisto Silva (2011, p. 61) afirma que, em geral, “eles contam muitas histórias de animais, histórias com moralidades, histórias cômicas e mitos”, que têm a função de entreter e instruir. Seu repertório reside, basicamente, nesses gêneros textuais, podendo apresentar também, com o auxílio de seu corpo – *performance* –, canções e poemas, recitados e cantados, respectivamente. Outro elemento importante é o aproveitamento de provérbios na narrativa que, além de transmitirem a sabedoria de uma cultura, revelam “verdades profundas”. Dessa forma, é de grande valia destacar como a oralidade se faz presente para esta sociedade e, acima de tudo, a importância para a sua construção identitária, conforme afirma Hampaté Bâ, historiador, genealogista, escritor, memorialista e, acima de tudo, pessoa comprometida com a preservação da memória tradicional africana. Ele afirma, em *História geral da África*, no capítulo intitulado “A tradição viva”:

Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (BÂ, 2010, p. 168)

Vale ressaltar que a análise e a proposta de abordagem para o conto de Semedo não podem limitar o professor em sala de aula. Trata-se de possibilidades de trabalho, cujo ponto de partida é a interpretação pelo jovem leitor e o debate com os textos por ele aproximados ao conto da autora. Para tanto, a discussão sobre a sua cultura e a africana é essencial, assim como a sua conscientização sobre os processos formais de construção da narrativa e seu contexto de produção, em especial, sua autoria feminina. Essa autoria pode combater a concepção de que textos de autoria feminina são enfadonhos, românticos e desprovidos de surpresas. É, justamente, o que se busca neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sin si kaba e storia? (Assim acaba esta história?). Esta expressão usada pelos contadores tradicionais de histórias, escrita em crioulo da Guiné-Bissau, para finalizarem as histórias, indica que estas não acabam quando finda a narração do contador, mas continuam reverberando no imaginário do leitor, que poderá dar a elas diferentes modificações e sucessivas continuações, assim como fazem Kutchi e Cici. Esta é a magia das histórias tradicionais: percorrem tempos e lugares, sempre se renovando a cada narração e garantindo sua manutenção a partir da memória coletiva. Para garantir que essa memória continue sendo fator de resistência à cultura imposta pelo dominador, faz-se necessária a formação de uma sociedade mais equânime e a mobilização de ações afirmativas em busca do respeito à diversidade étnico-racial. É nada mais pertinente que proporcionar estas vivências com o ensino da Literatura em contexto escolar.

A implementação da Lei 10.639/03 – que altera a Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional –, ao instituir a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira, no currículo oficial da educação básica das redes pública e privada, reconhece as situações de restrição pelas quais passou a população negra em razão do passado histórico. Por isso, a inserção desta temática, nas redes escolares, não visa somente a contemplar esta população, mas a todos os brasileiros, a fim

de conscientizá-los, como afirma Munanga (2005, p. 15), da importância e da riqueza dessa cultura para a identidade nacional. Justifica-se, com isso, atualmente, a ampliação da oferta de títulos voltados a esse público.

Mesmo com a Lei mencionada, ainda hoje, ela não foi totalmente implementada nos sistemas de ensino, devido à falta de entendimento dos profissionais, como afirma Eliane Debus (2017) sobre a importância desta política. Esses impasses, os quais impedem a sua efetiva implementação, continuam a reproduzir o ciclo de desigualdade em âmbito escolar, visto que este, ao longo do tempo, foi o principal irradiador das diferenças raciais e étnicas, que limitou o acesso à educação de qualidade, em razão de uma educação eurocêntrica. Portanto, essas iniciativas partem do reconhecimento da importância do seu legado cultural para a construção da identidade de crianças e jovens negros que, devido ao passado histórico, tiveram suas referências culturais fragmentadas.

Nesse sentido, cabe à escola, como espaço de formação de cidadãos conscientes, promover a erradicação dessas desigualdades e desenvolver um conjunto de medidas que auxiliem na promoção da equidade social. Justifica-se, então, refletir sobre os recursos didáticos e as práticas pedagógicas usadas para a viabilização dessa igualdade.

Diante desse quadro, selecionou-se o conto de Odete Costa Semedo, que pertence à coletânea *Contos africanos dos países de língua portuguesa*, organizada por Rita Chaves, a qual compõe os acervos do PNBE de 2011, direcionados aos alunos do Ensino Fundamental II. Trata-se de uma obra dotada de valor estético, cujos contos, apropriados da tradição oral africana, de autores diversos, que representam a voz da literatura de seus países, cujo idioma oficial é a Língua Portuguesa, merecem ser conhecidos, em especial, em diálogo com o de Semedo. Seu conto trata de um tema universalizante, contudo, no viés da subversão, delegando a voz narrativa a duas meninas. Nesse sentido, sua narrativa contribui para o rompimento de estereótipos, ao apresentar personagens e enredo tão próximos aos já lidos ou ouvidos, mas, ao mesmo tempo, em cultura diversa e rica em significados. Pela sua leitura, assegura-se a pluralidade para a construção de horizontes mais amplos. Espera-se que, a partir do trabalho com a linguagem literária e a diversidade cultural em sala de aula, exista a possibilidade de se contribuir para a desconstrução de preconceitos e a formação de uma representação positiva acerca do próprio sujeito leitor e do outro. Além disso, pode-se na sua recepção evidenciar como Semedo posiciona a sua voz enquanto escritora. Pelo conto, percebe-se que sua voz aparece

entre várias outras: as ficcionais, por ela criadas, como o narrador de primeiro nível e as meninas narradoras de segundo nível; e as inúmeras outras provenientes de suas heranças social, literária e cultural que, como o homem do pote, compartilha com seu leitor.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. As muitas faces da mulher na Guiné-Bissau. In: DUARTE, Constância Lima; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários: UFMG, 2002, p. 29-35.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO- Joseph (Ed.). *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010, p. 167-212. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf. Acesso em: 09 jun. 2022.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1978.

CECCANTINI, João L. C. T. (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: Anep, 2004.

CHAVES, Rita (Org.). *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 141-156, 2012.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogerio Andrade Barbosa, Julio Emilio Bras, Georgina Martins*. Florianópolis: Nup/Ced/UFSC, 2017.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. *Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida*. 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2008.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

MATA, Inocência. *Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa – Cadernos do Povo / Ensaio*. Braga: Pontevedra, 1992.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 12 jul. 2021.

RUIZ, Uiara Cristina de Andrade. *Literatura de temática africana e afro-brasileira no PNBE do Ensino Fundamental II: um estudo sobre o conto de matriz africana*. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado profissionalizante em Letras – PROFLetras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

SEMEDO, Odete Costa. A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do Pote. In: CHAVES, Rita. *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009, p. 76-94.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. *As mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. 2010. 415 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2010.

SEMEDO, Odete Costa. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM – v. 10, n. 1 (2022)

DOSSIÊ: TECENDO MEMÓRIAS, PRESERVANDO HERANÇAS, ILUMINANDO CAMINHOS: VOZES FEMININAS NAS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

SILVA, Celso Sisto. *Bósukuta! Kada kinkusumanera: as junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué!* 2012. 440 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2012.

SILVA, M. M. *Literatura em crescimento. O lugar problemático da literatura juvenil no sistema literário*. 2006. Disponível em: http://magnetesrvk.no-ip.org/casdaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_literatura_crescimento_a.pdf. Acesso em: 09 jun. 2022.

TEMPLO CULTURAL DELFOS. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/07/odete-costa-semedo.html>. Acesso em: 05 jun. 2022.

Submissão: 27 de fevereiro de 2022

Aceite: 03 de maio de 2022